

## 5 A tradução dos compostos nominais da língua inglesa para o português

Neste capítulo serão apresentadas as estruturas do português correspondentes aos compostos nominais na língua inglesa, assim como as dificuldades enfrentadas durante o processo de tradução dessas estruturas. Cada uma delas será discutida separadamente. Serão abordadas as características dos substantivos compostos; a questão da ordem dos adjetivos em português e a função das preposições nos sintagmas preposicionados. É importante destacar que as estruturas utilizadas nas traduções dos compostos compilados no *corpus* serão comentadas no capítulo sobre a análise dos dados. Por ora, serão tecidos comentários gerais em relação às possíveis estruturas correspondentes no português dos compostos nominais em língua inglesa.

Os compostos nominais do tipo N + N em língua inglesa podem ser traduzidos para o português como substantivos simples (*pine tree* ‘pinheiro’); substantivos compostos (*textbook* – livro-texto); sintagmas nominais (*fruit tree* ‘árvore frutífera’); sintagmas preposicionados (*apple cake* ‘bolo de maçã’) ou ainda por expressões ou orações relativas (*drug deaths* ‘mortes causadas por/em decorrência do uso de drogas’).

Do ponto de vista estrutural, conforme descrito brevemente no capítulo 2, a relação de modificação entre os constituintes de um sintagma nas línguas românicas normalmente é inversa à das línguas germânicas. Enquanto na grande maioria dos compostos nominais em inglês o núcleo é o elemento à direita e o(s) modificador(es) aparece(m) à sua esquerda, em português a ordem mais comum é a inversa: o núcleo é o elemento da esquerda e os modificadores aparecem à direita; portanto, a pré-modificação nominal em língua inglesa corresponde à pós-modificação nominal em português. As únicas possíveis exceções se dão com os SNs, em que o modificador adjetivo pode aparecer na posição pré-núcleo (Ex.: *suma importância*), e com alguns substantivos compostos (Ex.: *ferrovia*). Esses dois casos serão discutidos mais adiante.

## 5.1 Os substantivos simples

Há alguns compostos nominais na língua inglesa que são traduzidos por uma única palavra em português, como *pine tree* ‘pinheiro’. Em casos como esse basta identificar que o modificador representa um subtipo do núcleo, ou seja, que ele especifica o núcleo e o diferencia de outros tipos de árvore (*palm tree* ‘palmeira’), por exemplo. Os compostos nominais traduzidos por um único substantivo em português são uma armadilha para aqueles que acreditam em tradução palavra por palavra, uma vez que, se essa premissa for levada ao pé da letra, tem-se como resultado a estranhíssima expressão “\*árvore pinheiro”, por exemplo.

Compostos como *olive oil* ‘azeite de oliva’ apresentam uma peculiaridade na tradução para o português. Quando se diz “azeite” em português, pressupõe-se que seja “azeite de oliva”. Sendo assim, ao se traduzir *olive oil* para o português, geralmente se utiliza um substantivo (apenas “azeite”) no lugar de um N modificado por um SP, porque fica claro no contexto que se está referindo ao uso mais comum e abrangente do termo. Associa-se imediatamente “azeite” como sendo “de oliva”; no entanto, quando alguém se refere a “azeite de dendê”, por exemplo, a palavra “azeite” nunca aparece sozinha.

## 5.2 Os substantivos compostos

Em relação aos substantivos compostos, pode-se dizer que a principal preocupação das gramáticas tradicionais é, em essência, a de descrevê-los levando-se em consideração o aspecto mórfico (gênero e número). Há alguns poucos comentários sobre a relação de modificação entre os termos, como o de Bechara: “o determinante (a 2ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a batata-rainha e não a batata-rei” (2003:139). De acordo com o mesmo autor, há casos em que, por imitação do inglês, o determinante precede o determinado, como em “ferrovia” (em inglês *railway*) e “aeromoça” (*flight attendant*).

Inserindo-se em uma abordagem funcionalista, Maria Helena de Moura Neves afirma que “[u]m substantivo pode deixar de ser referencial e funcionar

como se fosse um adjetivo” (2000:175), ou seja, ele pode atuar como qualificador ou classificador.

Segundo Neves (2000), o substantivo que atua como modificador pode manter ou não as propriedades de um substantivo. Geralmente, quando o substantivo modificador concorda com o substantivo modificado, evidencia-se a adjetivação. Já quando não há a concordância, percebe-se que o substantivo da direita (o modificador) conserva, de certa forma, a propriedade dos substantivos. Dois substantivos podem ser apenas justapostos ou unidos por hífen, o que, segundo a autora, configura um substantivo composto.

Os substantivos que se posicionam à direita podem indicar o tipo do substantivo à esquerda – papel-moeda (*paper money*); bomba-relógio (*time bomb*); a qualidade do substantivo modificado – pátria mãe (*mother country*), ou a finalidade do substantivo à esquerda – calendário brinde (*gift calendar*).

A autora também aponta os exemplos chamados de *dvandva compounds* ou compostos copulativos, apresentados na seção 2.2. Segundo ela, dois substantivos em conjunto podem “fazer a indicação de um binômio que representa um resumo daquilo que os dois elementos indicam” (2000:178). Esse tipo de estrutura é considerado como um substantivo composto (Exs.: narrador-protagonista; artesão-artífice). Esses substantivos compostos são diferentes do restante, uma vez que ambos os substantivos indicam um outro elemento que não aparece na estrutura, ou seja, o núcleo está subentendido. Em inglês, esse tipo de estrutura não é considerado composto nominal, pois não há uma relação de modificação entre os termos (ambos os termos modificam um núcleo subentendido); sendo assim, também foge ao alcance do presente trabalho.

### 5.3 N + Adj.

A análise dos SNs fornecida pelas gramáticas tradicionais em língua portuguesa não é proporcional à complexidade da estrutura. A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001), por exemplo, dedica apenas uma página e meia para caracterizar os sintagmas nominais. Segundo Cunha & Cintra, “[t]oda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN)” (2001:123). Ainda segundo os autores,

[o] substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas. *(ibidem)*

No trecho acima, Cunha & Cintra (2001) não mencionam os modificadores substantivos que funcionam como adjetivos, como no caso dos substantivos compostos, descritos anteriormente. No entanto, ao citar as funções sintáticas dos substantivos, os autores preveem que os substantivos podem funcionar como adjuntos adnominais de um outro substantivo, como em “um riso **canalha**”, “um ar **província**” etc. “Canalha” e “província” funcionariam como adjuntos adnominais de “riso” e “ar”, respectivamente.

Atento a essas explicações simplistas e pouquíssimo esclarecedoras, Perini decide “abandonar praticamente toda a análise tradicional” (1995:93) e indica um caminho muito mais profícuo, porém incipiente e complexo, ou seja, condizente com a estrutura do SN.

Perini define sua análise como “complexa” na medida em que esta não consiste apenas na distinção entre o núcleo e os determinantes e modificadores dentro da estrutura do SN, ou ainda em uma análise mais enxuta, entre o núcleo e os adjuntos adnominais (que abrangem os determinantes e os modificadores). Em um primeiro momento, na *Gramática Descritiva do Português*, o linguista propõe uma análise em termos da posição dos elementos dentro do sintagma nominal, uma vez que, devido à rigidez da estrutura, “as possibilidades de mudança de ordem são poucas e bem delimitadas” (1995:94); por conseguinte, a posição de um item no SN é bastante reveladora em termos dos traços da estrutura.

Em um trabalho posterior e mais completo — inteiramente dedicado ao estudo dos sintagmas nominais e intitulado *Especial sobre SN* (1996) — Perini *et alii* propõem uma análise mórfica e outra sêmica para os sintagmas nominais. Os principais pontos das análises propostas em ambas as obras serão discutidos a seguir. Posteriormente, será apresentada a discussão sobre a ordenação dos adjetivos em língua portuguesa.

Em *A Gramática Descritiva do Português* (1995), de modo a caracterizar as funções dos constituintes de um SN, Perini estabelece uma estrutura abstrata, denominada SN máximo, que comportaria todas as posições possíveis preenchidas por um item lexical. Todavia, deve-se ressaltar que, na prática, não é possível

preencher todas as posições. O SN máximo é apenas, nas palavras do próprio autor, “uma fonte de referência para a análise”. Uma estrutura representando um SN máximo ficaria estranhíssima, confusa e dificilmente seria assimilável. Por exemplo, mesmo que o SN “?Os outros dois meus mesmos velhos amigos queridos de Salvador” não apresente todas as posições preenchidas, é difícil de ser compreendido e assimilado.

Na posição dos elementos que precedem o núcleo, Perini argumenta que, após inúmeros estudos, chegou-se à conclusão de que “a área esquerda”, assim denominada por ele, pode apresentar seis posições fixas (determinante, possessivo, reforço, quantificador, pré-núcleo interno e pré-núcleo externo) e quatro variáveis. As posições variáveis geralmente se encaixam entre as fixas, exceto entre os dois pré-núcleos.

A posição pré-nuclear em português é mais fácil de ser estudada porque a maioria das funções é ocupada por classes fechadas e especializadas. Por exemplo, “meu” só pode ser possessivo e “aquele” só pode ser determinante; além disso, essas funções têm posições fixas (o possessivo só pode ocorrer depois do determinante, nunca antes dele). Muitos dos modificadores pré-nucleares (os adjetivos) podem aparecer como pós-modificadores.

A área à direita do SN (a da pós-modificação) apresentaria três funções, segundo o autor: o núcleo do SN, o modificador interno e o modificador externo. Essas três funções aparecem nessa ordem. Apesar de ser estruturalmente mais simples do que a área da pré-modificação, a análise dos constituintes da pós-modificação é mais difícil devido ao “alto grau de polivalência dos termos envolvidos e o fato de que estes pertencem a classes abertas” (1995:101), o que dificulta a listagem de todos os itens candidatos a ocupar cada posição.

Segundo o autor, o modificador interno vem antes do externo porque, apesar de ambos serem adjetivos, eles apresentam funções diferentes dentro de um sintagma. Por exemplo, para identificar o núcleo em “Um ataque cardíaco fulminante”, Perini cita que o item (o núcleo) deve por si só constituir um SN, e isso só pode acontecer com “ataque”. Restam “cardíaco” e “fulminante”, já que o determinante “um” faz parte dos elementos pré-nucleares. “Cardíaco” não pode ser anteposto ao núcleo e muito menos separado dele. Já “fulminante” ocupa uma posição mais distante do núcleo, pode ser anteposto e até separado por um sinal de pontuação (“Um ataque, fulminante”), ainda que essa separação seja pouco

natural. Perini conclui, portanto, que “ataque” é o núcleo do sintagma; “cardíaco” é o modificador interno e fulminante é o modificador externo.

Se o sintagma fosse “Um fulminante ataque cardíaco”, “fulminante” seria um pré-núcleo externo na análise de Perini, pois ocuparia uma função de pré-modificador. Na língua portuguesa, ainda que muitas vezes haja mudança de sentido, certos modificadores externos podem ser antepostos ao núcleo, passando a ter uma nova função dentro do SN, de acordo com a primeira teoria proposta pelo autor.

Em *Especial sobre SN* (1996), Perini *et alii* fazem uma análise mais completa dos SNs. Impressionados com a vastidão do tema, “que à primeira vista parecia tão restrito”, os autores perceberam “a inadequação fundamental das teorias puramente estruturais para a descrição das ordens dos termos” (1996:10). O objetivo do trabalho é descrever a estrutura interna dos SNs, assim como dar conta da ordenação dos termos da estrutura. Para tanto, os autores descrevem uma análise que leva em consideração tanto critérios formais quanto semântico-pragmáticos. Esta análise será descrita brevemente abaixo.

De acordo com os autores, a ordem dos termos internos depende de dois mecanismos: um puramente formal, denominado regra mórfica, e outro semântico e pragmático, que são as condições semântico-pragmáticas. A ordem dos termos determinaria suas funções, que são três: pré-determinante, determinante e termo livre.

[O termo livre] pode ser definido como o termo que ocorre em terceiro lugar no SN se houver PDet e Det; em segundo se houver Det; e em primeiro se não houver Det (em português padrão não pode ocorrer PDet sem Det). Se houver uma sequência de vários termos nessa situação, será analisada simplesmente como uma sequência de TLs. (1996:58)

Essa caracterização é bem mais simplificada do que a apresentada por Perini na *Gramática Descritiva do Português* (1995), embora, segundo os próprios autores, não seja muito diferente de outras análises formais propostas. A principal diferença é mesmo em relação ao número de funções. Por exemplo, na análise antiga de Perini, os termos do sintagma “um ataque cardíaco fulminante”, mostrado anteriormente, seriam classificados como:

- (1) Um        ataque        cardíaco        fulminante  
       (Det.)    (núcleo)    (mod. interno)    (mod. externo)

Já de acordo com a classificação formal mais simples, o mesmo SN teria a seguinte classificação:

(2) Um ataque cardíaco fulminante  
(Det.) (termo livre) (termo livre) (termo livre)

Como os três últimos termos têm a mesma função, eles não podem ser descritos de acordo com regras mórficas, mas sim, levando-se em consideração condições baseadas em traços semânticos e/ou pragmáticos, que serão apresentadas mais adiante.

Diferentemente da primeira análise de Perini, os autores testam vários critérios formais para a identificação do núcleo do sintagma. Primeiramente, analisou-se a posição do núcleo em relação aos elementos pré e pós-nucleares; no entanto, este critério mostrou-se falho porque há elementos, como os pré-núcleos, que podem ocorrer em mais de uma posição (por exemplo, é possível dizer “os outros meus poemas” e “os meus outros poemas”). Em seguida, tentou-se identificar o núcleo utilizando-se outro critério mórfico: o gênero. Como cada SN tem um gênero, o núcleo do sintagma nominal controlaria o gênero dos outros constituintes do SN e, por conseguinte, do próprio SN. Por exemplo, o SN “As amigas de João” é feminino, embora tenha a presença de um termo masculino, “João”.

Ainda que Perini *et alii* (1996) considerem este critério melhor do que o anterior, eles afirmam que o núcleo não só controla o gênero, como também o número, e, de acordo com os autores, os números não são categorias totalmente formais, uma vez que apresentam uma relação com a categoria semântica, embora não saibam precisar qual seja.

Isso posto, os autores acreditam que o gênero não seja o controlador da ordenação dos termos dentro de um SN. “[E]mbora o controle do gênero possa indicar um ‘núcleo’ do SN, as restrições de ordenação dos termos do SN não podem ser formuladas em termos desse ‘núcleo’ do SN.” (1996:50).

Resta, portanto, verificar a identificação do núcleo do SN através de critérios semânticos. Para os pesquisadores, a ordenação está ligada ao centro de

referência<sup>61</sup>, ou seja, a um elemento que identifique um referente existente no mundo real ou imaginário” (*ibidem*:76). Por exemplo, em “um elefante azul pisou no meu pé”, o centro de referência é “elefante”, pois este é o elemento mais amplo. “Elefante azul” já é uma restrição de “elefante”.

Percebe-se que Perini *et alii* utilizam um critério semântico para determinar o que convencionalmente se chama de “núcleo do SN” (cunhado pelos autores de centro de referência). No caso do SN “um ataque cardíaco fulminante”, “ataque” tem um potencial referencial, sendo, portanto, o centro de referência ou o núcleo do SN. Já “cardíaco” e “fulminante” têm um potencial qualificativo. “Cardíaco” teria de ser o primeiro modificador, pois ele é mais restritivo do que “fulminante”, respeitando assim, a **Condição de Restritividade Crescente** (proposta pelos autores e definida mais adiante neste trabalho), em que o termo livre mais restritivo vem antes do menos restritivo.

Há palavras que têm tanto um potencial referencial quanto qualificativo. Em “um amigo legal”, “amigo” é o núcleo do SN ou o centro de referência, e em “um gesto amigo” é um qualificador. Perini *et alii* apontam, portanto, duas restrições: “todo SN precisa ter um referente” e “cada SN tem *apenas um* referente” (1996:77-78). Em “um amigo legal”, “amigo se refere a uma pessoa”, tendo, assim, um potencial referencial; já em “um gesto amigo”, “gesto” tem um potencial referencial, restando para “amigo” a função qualificativa.

Partindo-se da ideia de centro de referência, pode-se dizer que os adjetivos antepostos e pospostos delimitam seu conceito. A grande questão é saber se eles sempre modificam o núcleo da mesma maneira, de forma totalmente diferente, ou se o grau de modificação varia.

Perini *et alii* defendem que há diferenças semânticas nítidas entre os adjetivos antepostos e os pospostos. Segundo os autores, “nos raros casos em que não se detectou nenhuma diferença isso se deve a acidentes léxicos” (1996:52). É importante ressaltar que há indícios de que a diferença decorrente da posição do adjetivo depende dos traços semânticos dos itens envolvidos. A vasta literatura sobre o assunto propõe alguns critérios semânticos para dar conta da diferença entre a anteposição e a posposição. Dentre esses critérios estão a expectativa, a intensão ou extensão do adjetivo, ou ainda a sua restritividade ou não

---

<sup>61</sup> O conceito de centro de referência é apenas apresentado aqui. Para fins deste trabalho, manter-se-á a nomenclatura “núcleo do SN”, por esta ser a mais difundida.

restritividade. Perini *et alii* acreditam que nenhum desses critérios dê conta sozinho de explicar a diferença semântica entre uma posição e outra, visto que a questão é complexa. Vejamos os exemplos.

De acordo com os autores, quando se antepõe “rico” a “comerciante” em “um rico comerciante”, por exemplo, o adjetivo “rico” satisfaz à expectativa de que “comerciantes” possivelmente sejam ricos. Já o sintagma “um rico professor” causaria estranheza, pois não se tem a expectativa de que professores sejam ricos. As expectativas “governariam a possibilidade de ocorrência anteposta de itens como cruel, rico e musculoso” (1996:63). Esse critério representa o senso comum. É mais fácil associarmos “rico” a “comerciantes” do que a “professores”.

Em “um grande homem” x “um homem grande”, pode-se explicar a diferença em termos da intensão (sentido) e da extensão (referência) dos adjetivos. No primeiro exemplo, “grande” predica a intensão de “homem”: “trata-se de alguém que é ‘grande enquanto homem’”. Já no segundo exemplo, “grande” predica a extensão de homem, ou seja, se “homem” for substituído por “operário”, o valor de verdade não será alterado.

Borges Neto (1991) *apud* Muller *et alii* (2002) classifica os adjetivos extensionais e intensionais como categoremáticos e sincategoremáticos, respectivamente.

[O]s adjetivos categoremáticos são os que predicam da extensão do nome ao qual se relacionam, ou seja, predicam dos objetos denotados pelo nome-núcleo. Já os sincategoremáticos são os que predicam da intensão do nome, em outras palavras, predicam das propriedades expressas pelo nome-núcleo. (2002:320)

Apesar de ser semanticamente interessante, segundo Muller *et alii*, esta distinção “não se correlaciona a nenhuma diferença sistemática em seu comportamento sintático/semântico” (2002:320). Um dos argumentos utilizados é que um mesmo adjetivo, quando posposto, pode ter tanto uma interpretação categoremática quanto sincategoremática; por exemplo, “gente boa” pode ser “seres que são gente e seres que são bons” (categoremático), e “casaco bom” é sincategoremático (“comprar um casaco que seja bom enquanto casaco” e não “bom em geral/enquanto qualquer coisa”).

Ademais, muitas vezes é difícil diferenciar os adjetivos em extensionais (ou categoremáticos) e intensionais (ou sincategoremáticos), ou ainda, muitos adjetivos não se encaixam nas duas categorias. Por exemplo, “uma pesquisa

bibliográfica' é uma pesquisa bibliográfica enquanto pesquisa/para uma pesquisa, ou é algo que é pesquisa e que é bibliográfico?" (2002:321)

A oposição semântica mais apontada é em relação à restritividade e não restritividade dos adjetivos. Pode-se dizer, segundo Perini *et alii* (1996), que os adjetivos restritivos ocorrem pospostos e os não restritivos (ou explicativos) antepostos. Por exemplo, dizer "Os gordos cozinheiros se apresentaram para o serviço" significa que "os cozinheiros se apresentaram ao serviço e eram gordos"; já quando se diz "Os cozinheiros gordos se apresentaram para o serviço", apenas os cozinheiros gordos se apresentaram, os magros não.

No entanto, Muller *et alii* (2002) também criticam essa distinção clássica, uma vez que há adjetivos que simplesmente não se encaixam nesta distinção. No sintagma "características científicas", por exemplo, não faz sentido distinguir entre características que são científicas (sentido restritivo) e características, científicas (sentido explicativo). Todavia, parece que os autores não atentaram para um detalhe: o fato de que a palavra "característica", por sua natureza semântica muito vazia, em geral, vir acompanhada de um adjetivo restritivo, de modo a delimitar seu escopo.

Além dos fatores mencionados acima, que influenciam parcialmente a possibilidade de antepor um adjetivo, Perini *et alii* (1996) apontam alguns casos particulares, em que há adjetivos que só podem ser pospostos ou outros que só podem ser antepostos. Adjetivos como "próximo", "mero", "reles", "suma" e "meio" geralmente são antepostos ao núcleo. Por outro lado, adjetivos denominais, como papal e presidencial, e os invariáveis, como rosa, laranja etc., quase sempre aparecem pospostos.

Muller *et alii* (2002) propõem uma caracterização diferente da proposta por Perini *et alii* (1996) para dar conta da posição e interpretação dos adjetivos. Para explicar o fato de que "a interpretação atribuída a um adjetivo depende do tipo de relação que ele estabelece com o substantivo-núcleo do sintagma" (2002:323), dividiram-se os adjetivos pospostos, em relação ao nome-núcleo, em predicadores e argumentais.

Os adjetivos predicadores (Ex.: "grande", "bonito") apresentam propriedades predicativas, ou seja, podem ser parafraseados por uma relativa; podem ser usados como aposto; variam de grau, podem ser predicados de um ou mais lugares etc. Quando são predicados de mais de um lugar, são denominados

relacionais e podem ser antepostos. Quando antepostos, “realizam uma operação semelhante à dos quantificadores, ordenando, graduando ou contando a denotação de seu nome-núcleo” (2002:324).

Já os adjetivos argumentais não possuem propriedades predicativas, não apresentam variação de grau, não aceitam anteposição, aceitam prefixos numéricos e podem ser substituídos por expressões nominais, mais especificamente, sintagmas preposicionados (“pesquisa odontológica” / “pesquisa em odontologia”).

Os compostos nominais de língua inglesa traduzidos para o português com um modificador adjetivo não apresentam características predicativas e, muitas vezes, podem ser substituídos por expressões nominais, como exemplificado acima. Dessa forma, é possível fazer uma analogia entre o que foi dito por Levi sobre os adjetivos não predicativos e o comportamento dos adjetivos argumentais.

Levi (1978) também afirma que os adjetivos não predicativos em inglês não apresentam variação de grau; aceitam prefixos numéricos; são postos lado a lado com modificadores substantivos ou outros adjetivos não predicativos, mas não com adjetivos predicativos (Ex.: *a civil and mechanical engineer* ‘engenheiro civil e mecânico’, mas não *\*a civil and rude engineer* ‘engenheiro civil e grosseiro’<sup>62</sup>); se encaixam nas mesmas categorias semânticas dos substantivos (± definido; ± concreto; ± animado; ± humano; ± masculino; ± comum); apresentam as mesmas relações de caso dos substantivos (agentiva – *presidential refusal* ‘recusa do presidente’; objetiva – *oceanic studies* ‘estudos oceânicos’; instrumental – *electric calculator* ‘calculadora elétrica’; locativa – *marginal notes* ‘notas nas margens’; dativa/possessiva – *feline agility* ‘agilidade felina’); não podem ser nominalizados, como verbos e adjetivos predicativos (*a nervous*<sup>63</sup> *disorder* ‘uma desordem nervosa’ – *\*the nervousness of the disorder*).

Os adjetivos antepostos comportam-se como quantificadores e intensificadores, pois eles quantificariam e/ou intensificariam a qualidade atribuída ao núcleo. Vale destacar que a classe de adjetivos que só ocorrem antepostos é pequena e restrita.

<sup>62</sup> Em português, esta expressão é possível. Se houvesse a inversão da ordem dos modificadores em português (“engenheiro grosseiro e civil”) ter-se-ia um engenheiro que é grosseiro e é civil, ou seja, não é militar.

<sup>63</sup> O adjetivo *nervous* pode ter uma leitura não predicativa, como no exemplo, ou predicativa (*nervous applicant* ‘candidato nervoso’), em que é possível nominalizar o adjetivo e dizer “the nervousness of the applicant”.

Perini *et alii* (1996) revelam algumas condições semântico-pragmáticas que influenciariam a ordenação dos termos do SN e as posições dos adjetivos, no caso de um sintagma nominal com mais de um modificador. Dentre elas, duas merecem a atenção neste trabalho: a condição X-C e a condição de restritividade crescente.

É importante esclarecer que “X” representa o centro de referência (ou o núcleo do SN), e “C” significa “classificador”. A condição X-C estabelece que um adjetivo com função classificadora deve ocorrer sempre após o núcleo. Por exemplo, “civil” em “engenheiro civil” classifica a palavra “engenheiro” (engenheiro que trabalha com construção). Já se houver uma expressão “engenheiro simpático civil”, o adjetivo “civil” não é classificador, mas sim qualitativo e serve para diferenciar de um engenheiro militar, que pode ser um engenheiro eletricitista, por exemplo.

A condição de restritividade crescente parece ser a mais interessante para o objetivo deste trabalho. Segundo os autores, as exemplificações que fundamentam essa condição são basicamente retiradas de textos técnicos.

Tal condição estabelece que um adjetivo mais restritivo deve aparecer logo após o núcleo. Como a língua inglesa comporta compostos nominais com múltiplos modificadores, a transposição desses compostos para o português obriga o tradutor a encontrar uma ordem mais natural para os termos; não basta simplesmente colocar um adjetivo do lado do outro. Na expressão “frota naval submarina”, “naval” é mais restritivo que “submarina”; portanto, segundo os autores, deve vir logo após o núcleo. No entanto, quem não conhece o significado e o grau de especialização dos itens envolvidos pode aceitar “frota submarina naval”.

Em um texto técnico, em que se preza pela precisão dos termos, deve-se ser mais rigoroso em relação à ordem dos modificadores, uma vez que ela pode mudar o sentido do sintagma ou formar estruturas estranhas como “\*frota submarina naval”. A mudança de ordem dos modificadores que acarreta mudança de sentido pode ser exemplificada pelo composto nominal em inglês *central limit theorem*, já apresentado no capítulo 1. A tradução mais utilizada em português é “teorema do limite central”, em que se tem a nítida impressão de que o limite é central. Já na outra opção, “teorema central do limite”, observa-se que o teorema é central. Segundo especialistas, o teorema é que é central, embora a tradução mais

usada seja a que apresenta a leitura de que o limite seja central. Dessa forma, percebe-se que, na tradução canônica, não se respeitou a condição de restritividade mencionada por Perini *et alii* (1996).

Alguns compostos nominais em inglês podem ser traduzidos tanto por um SN quanto por um SP. Por exemplo, para *heart attack*, há duas estruturas possíveis em português: “ataque cardíaco” e “ataque do coração”. Perini *et alii* (1996) afirmam que há uma distinção entre os dois exemplos — embora aparentem ser sinônimos — mas que esta diferença ainda não foi plenamente desvendada. O adjetivo e a locução prepositiva, segundo os autores, apresentam comportamentos diferentes em relação à condição X-C. É possível dizer “um ataque fulminante do coração”, porém “\*um ataque fulminante cardíaco”, embora não apresente restrições do ponto de vista sintático, é semanticamente mal formado, uma vez que a condição X-C estabelece que o classificador deva vir logo após o núcleo.

Muller *et alii* se limitam apenas a dizer que os adjetivos argumentais podem ser substituídos por expressões nominais (Ex.: pesquisa bibliográfica = pesquisa da bibliografia) e que não podem ser antepostos, “já que o português é uma língua que lineariza seus argumentos internos à direita do predicador” (2002:331). Todavia, a impressão que se tem é que, diferentemente de Perini *et alii* (1996), as autoras consideram ambas as possibilidades sinônimas, o que corrobora a opinião de Neves: “em muitos casos, o **léxico** da língua possui um **adjetivo classificador** correspondente ao **sintagma nominal** iniciado por **DE**” (Exs.: indústrias alimentícias = DE alimento) (2000:663).

#### 5.4 N + SP

Os sintagmas nominais modificados por sintagmas preposicionados são muito usados em língua portuguesa como correspondentes para os compostos nominais em inglês. A perda das desinências causais latinas fez com que o português ganhasse as preposições. Estas passaram a desempenhar a função das desinências, ou seja, exprimir as relações semânticas de posse, instrumento, origem, pertença, matéria, finalidade etc.

Embora haja um repertório rico de preposições em língua portuguesa, e cada uma delas desempenhe funções especializadas (por exemplo, a preposição

“contra” denota oposição, direção contrária), a preposição “de” é a mais utilizada. Isso ocorre porque a preposição “de” é mais vazia semanticamente do que as outras, ou seja, “não demonstra um conteúdo nocional claro” (Avelar, 2006:2). Sendo assim, “de” substitui muitas preposições e sua função “coringa” pode ser um recurso bastante utilizado quando não se sabe a relação semântica entre um termo e outro de um composto nominal em inglês.

Tal função “coringa” é bastante perigosa em textos técnicos, uma vez que a substituição de uma preposição com um significado mais especializado por “de” pode deturpar o significado da expressão e prejudicar a compreensão de conceitos importantes. Por exemplo, para *iron-core transformer*, há as seguintes opções de tradução: “transformadores com núcleo de ferro”, em que a preposição “com” deixa claro que os transformadores contêm um núcleo e este é feito de ferro (ou contém ferro entre outras substâncias, já que a preposição “de” não explicita se é uma relação de continente e conteúdo ou de material) ou “transformadores de núcleo de ferro”. Essa segunda opção serve como um “tapa-buraco” quando se desconhece o assunto; no entanto, ela é ambígua, dada a falta de especificidade da preposição “de” e pode comprometer o sentido da expressão.<sup>64</sup>

As gramáticas tradicionais são bastante sucintas quanto à caracterização das preposições da língua portuguesa. Cunha & Cintra, por exemplo, reconhecem a grande variedade de uso das preposições; porém, acreditam que elas apresentem uma “significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional” (2001:558). As preposições são, portanto, classificadas quanto ao movimento (no espaço, no tempo e na noção) e quanto à situação (no espaço, no tempo e na noção).

Bechara acrescenta a noção de “significado unitário”, ou seja, cada preposição teria um significado primário (por exemplo, o da preposição “com” seria “copresença”). Os outros significados — os mais especializados — surgiriam no contexto, de acordo com a visão de cada um sobre as coisas e a experiência de mundo. Assim como Cunha & Cintra, Bechara (2003) divide o sistema preposicional da língua portuguesa em dois traços semânticos: o da

<sup>64</sup> O modificador “de núcleo de ferro” pode ser entendido como o objeto da ação de transformar (no caso de uma leitura de processo atribuída ao substantivo deverbal) ou ainda como indicativo do tipo de transformador (no caso de uma leitura concreta do deverbal).

dinamicidade (física ou figurada) e o das noções estáticas ou dinâmicas, que remetem a situações. Os dois grandes grupos ainda apresentam mais subdivisões.

Tanto Cunha & Cintra quanto Bechara, além de Rocha Lima (2000), elencam o emprego das preposições (se introduz objeto, se se prende a verbos no infinitivo etc.) e o valor das mesmas (relação semântica).

Dentro de uma perspectiva funcional, Maria Helena de Moura Neves, em *Gramática de Usos do Português*, critica o tratamento comumente dado às preposições, de que estas apresentariam várias acepções, como se fossem nomes. A autora defende que “a preposição pertence à esfera das relações e processos” e que seu papel se define no sistema de transitividade ou não; no nível interfrásico ou sintagmal.

Neves critica as gramáticas tradicionais, na medida em que estas parecem perceber a especificidade das relações de dependência estrutural e independência semântica, por exemplo, mas não se aprofundam no assunto ou questionam a diferença.

Por outro lado, a autora apresenta uma caracterização mais minuciosa, dividindo as preposições em situações em que atuam no sistema de transitividade, introduzindo complementos, e fora do sistema de transitividade (no sintagma nominal), estabelecendo relações semânticas específicas entre os termos envolvidos. Merecem destaque neste trabalho as relações semânticas dentro do sintagma nominal, uma vez que não foram incluídos no *corpus* sintagmas cujo núcleo é preenchido por substantivos deverbais que estabelecem uma relação de transitividade.

Embora a caracterização de Neves seja mais completa e detalhada do que a fornecida pelas gramáticas tradicionais, ela apresenta falhas, principalmente na caracterização da preposição “de”. Conforme já mencionado acima, a preposição “de” é mais vazia semanticamente do que as outras e isso faz com que ela assuma a função de muitas delas (como, por exemplo, das preposições “em”, “com”, “para”).

No entanto, a autora parece conferir à preposição “de” uma série de significados especializados, como relação de matéria no sintagma “placas de metal amarelo”. Na verdade, a noção de matéria está presente em metal. Vejamos outro exemplo. Neves afirma que a preposição “de” estabelece uma relação de localização no tempo e no espaço; entretanto, nos exemplos fornecidos, o conceito

de localização é dado pelo termo conseqüente, isto é, pelo elemento à direita da preposição (jantar do **sábado**, em que “sábado” é um substantivo que remete a uma localização no tempo; mesa do **fundo**, em que “fundo” apresenta uma ideia de localização espacial). A impressão que se tem é que a relação semântica se estabelece entre os termos e que a preposição “de” está ali apenas como elemento de ligação entre o antecedente e o conseqüente.

Desta forma, pode-se dizer que, fora do contexto, o significado da preposição “de” é imprevisível, pois esta é extremamente dependente dos elementos que a antecedem e sucedem. Avelar (2006) afirma que o sintagma “O rapaz do carro” na oração “O rapaz do carro perguntou pela Ana” pode ter vários significados, dentre eles, “o rapaz que tem carro”; “o rapaz dentro do carro”, “o rapaz que vende carro”; “o rapaz que conserta carro” etc.

Já com preposições como “em”, “com”, “para” e “sobre”, por exemplo, isso não ocorre. A preposição “de” é semanticamente neutra porque seu morfema correspondente é inserido pós-sintaticamente, não tendo efeito no componente semântico. Dentro do pressuposto do Programa Minimalista [Chomsky (1995, 2000) *apud* Avelar, 2006],

quaisquer operações efetivadas numa estrutura após ter sido enviada para o componente fonológico não terá efeito no componente semântico (e vice-versa). Portanto, se o item *de* consistir num morfema dissociado, sua inserção não terá reflexos na Forma Lógica, o que contrasta com o observado no uso de outras preposições, cujos morfemas são inseridos já na sintaxe e, por isso, podem ser interpretados no componente semântico.

As relações semânticas das preposições do tipo “em”, “para”, “com” e “sobre” são menos abrangentes. Por exemplo, em um sintagma nominal, a preposição “em”, segundo Maria Helena de Moura Neves (2000), pode estabelecer as relações de lugar (“moleques nas árvores”), de modo (“meninos em lágrimas”) e de matéria (“cartaz em cartolina”). A preposição “de” pode substituir o item “em” na relação de lugar e de matéria (“moleques das árvores” e “cartaz de cartolina”, respectivamente).

Para o presente trabalho, as relações semânticas das preposições devem ser depreendidas, de modo que a tradução para o português seja condizente com a relação semântica subjacente dos compostos nominais em língua inglesa.

Abaixo, serão apresentadas algumas tabelas com as funções das preposições utilizadas nas traduções dos compostos nominais retiradas de um

levantamento preliminar do *corpus*, assim como um exemplo em português, retirado da *Gramática de Usos do Português* (2000), uma tradução contendo a preposição com função equivalente e o composto nominal correspondente em língua inglesa. Vale ressaltar mais uma vez que, diferentemente das outras preposições, as funções desempenhadas por “de” dependem da relação que se estabelece entre os elementos à direita e à esquerda da preposição e do contexto.

### Funções da preposição DE<sup>65</sup>

Relações semânticas	Exemplos	Exemplos da tradução dos dados	Composto em inglês
POSSE	relógio do seu Ivo	polaridade da tensão	<i>voltage polarity</i>
PERTENÇA (PARTE-TODO/TODO-PARTE)	orelhas dos colegas	espectro de frequência	<i>frequency spectrum</i>
MATÉRIA	capas de vidro	bastão de vidro	<i>glass rod</i>
LOCALIZAÇÃO (espacial ou temporal)	mesa do fundo / jantar do sábado	efeito de superfície	<i>skin effect</i>
CONTINENTE/CONTEÚDO	bule de água	núcleo de ferro	<i>iron core</i>
CLASSIFICAÇÃO	teorema de geometria/ máquina de costura	teoria de circuitos	<i>circuit theory</i>
CIRCUNSTANCIAÇÃO (a preposição DE introduz expressão adverbial) De lugar (ponto inicial de uma extensão no espaço (o ponto final se marca com a preposição a).	de ponta a ponta	tensão de pico a pico	<i>peak-to-peak voltage</i>
CAUSA	pulou de saudades	resistência de radiação <sup>66</sup>	<i>radiation resistance</i>

Tabela 4 – Funções da preposição DE

<sup>65</sup> Segundo Maria Helena de Moura Neves (2000). Vale destacar que as funções aqui apresentadas não esgotam as relações apresentadas por Moura Neves.

<sup>66</sup> A resistência é decorrente da radiação.

### Funções da preposição EM

Relações semânticas	Exemplos	Exemplos da tradução dos dados	Composto em inglês
MODO	Minas em pé de guerra	resposta em frequência	<i>frequency response</i>
LUGAR (superfície/interioridade/contiguidade)	caspa no paletó/ gelo no copo/ faixa no braço	corrente nos ramos	<i>branch current</i>

Tabela 5 – Funções da preposição EM

### Funções da preposição COM

Relações semânticas	Exemplos	Exemplos da tradução dos dados	Composto em inglês
ESPECIFICAÇÃO (de conteúdo)	saco com utensílios/ cadernos com várias matérias	sistema com quatro fios/ transformador com núcleo de ferro	<i>four-wire system/ iron-core transformer</i>

Tabela 6 – Funções da preposição COM

### Funções da preposição PARA

Relações semânticas	Exemplos	Exemplos da tradução dos dados	Composto em inglês
FINALIDADE	rádios para carro/ comprimido para não dormir	convenção para a direção da potência/ componentes para montagem em superfície	<i>power direction convention/ surface mount parts</i>

Tabela 7 - Funções da preposição PARA

É possível fazer um paralelo entre as relações semânticas expressas pelas preposições acima e os papéis da estrutura *qualia* de Pustejovsky. A partir do paralelo entre as relações relevantes elencadas nos compostos nominais e nas

estruturas preposicionadas em português, depreender-se-ão as categorias relevantes para a presente pesquisa.

PUSTEJOVSKY	RELAÇÕES SEMÂNTICAS
AGENTIVE	EXECUÇÃO
CONSTITUTIVE	POSSE; PERTENÇA; MATÉRIA; CONTINENTE-CONTEÚDO; MODO; ESPECIFICAÇÃO; CLASSIFICAÇÃO <sup>67</sup>
FORMAL	LOCALIZAÇÃO; LUGAR;
TELIC	FINALIDADE; CLASSIFICAÇÃO

Tabela 8 - A estrutura *qualia* e as relações semânticas

### 5.5 Expressões, frases ou orações relativas

A concisão dos compostos da língua inglesa contrasta com a explicitação de algumas estruturas no português. Alguns compostos, como *drug death* ou *honey bee*, não são traduzidos por um simples substantivo ou substantivo composto, nem por um SN ou SP, mas sim por expressões ou sentenças contendo complementos nominais ou orações relativas (*drug death* ‘morte causada por/em decorrência de drogas/do uso de drogas’) ou (*honey bee* ‘abelha produtora de mel/que produz mel’).

O primeiro composto pode até apresentar uma estrutura SP (morte por droga), embora não soe muito natural. Já o segundo composto só pode ser traduzido por uma estrutura contendo uma oração, quer desenvolvida (“abelha que produz mel”), quer nominalizada (“abelha produtora de mel”).

### 5.6 A distribuição dos termos em um SN nas traduções para o português

Conforme será justificado no capítulo 6 (seção 6.4), optou-se por incluir os compostos com múltiplos modificadores no *corpus*, dada a grande quantidade de exemplos em textos técnicos. Os compostos com múltiplos modificadores

<sup>67</sup> O SN “teorema de geometria”, mostrado na Tabela 4, remete ao papel constitutivo da estrutura *qualia*; já “máquina de costura” remete ao papel télico (‘máquinas para costurar’).

apresentam um desafio a mais para os tradutores. Além de identificar a relação semântica subjacente em um composto, o tradutor deve ficar atento para a distribuição dos termos no SN em português; no caso de traduções envolvendo dois adjetivos, perceber qual deles é mais restritivo que o outro; no caso de um SP e um adjetivo, definir qual vem antes, de modo a evitar estruturas ambíguas.

Há uma diferença, por exemplo, entre “produção de soja brasileira” e “produção brasileira de soja”. Enquanto o primeiro pode apresentar uma leitura ambígua, deixando certa dúvida se a produção ou a soja é brasileira, uma vez que ambos os substantivos estão no gênero feminino, o segundo apresenta apenas uma leitura: “brasileira” está modificando “produção”.

Um sintagma que causa certo desconforto é “secretária de estado americana”. A expressão em si, ao contrário de “secretário de estado americano”, não é ambígua, mas soa estranho o modificador “americana”, que concorda em gênero e número com o núcleo, estar afastado do mesmo. Ao mesmo tempo, levando-se em consideração a condição de restritividade mencionada na seção 5.3, percebe-se que o SP “de estado” é mais restritivo que americana, por isso deve vir imediatamente ao lado do núcleo.

Em relação aos compostos nominais técnicos com múltiplos modificadores selecionados para o presente trabalho, houve alguns casos em que a tradutora tinha de identificar a estrutura de modificação; se o primeiro modificador, por exemplo, modificava apenas o núcleo ou todo o composto etc. Posteriormente, tentava-se uma tradução e verificava-se se ela existia. Às vezes, a ordenação escolhida não era a canônica, como em ‘teorema da máxima transferência de potência’<sup>68</sup>. Para a tradutora, a ordenação que soaria melhor seria “teorema da transferência máxima de potência”; no entanto, como potência é objeto direto do substantivo deverbal, parece que ele deve preferencialmente sucedê-lo e não ser interrompido por um outro elemento.

Em *standard bare copper wire*, tem-se um composto com três modificadores, sendo dois deles adjetivos (*standard* e *bare*) e um substantivo. Já em português, “padrão”, que é a tradução de *standard*, é um substantivo. A tradução escolhida foi ‘fios brutos de cobre padrão’. O substantivo padrão em

<sup>68</sup> Conforme será mostrado no capítulo 6, seção 6.4, embora o presente estudo contemple os compostos nominais do tipo N + N e com múltiplos modificadores nominais, optou-se por incluir também os compostos com múltiplos modificadores com adjetivos, desde que houvesse pelo menos um modificador substantivo.

português, quando funciona como modificador que indica “que serve de modelo”, é invariável. Neste caso, os fios é que são padrão, mas na construção tem-se a impressão de que o cobre é que é padrão. Analisando a tradução, percebe-se que a tradutora cometeu dois erros. Como não soube identificar a relação de modificação da estrutura, ela construiu um sintagma com o adjetivo “brutos” modificando “fios”, e “padrão” com uma relação de modificação ambígua, dada sua invariabilidade nesse contexto. No entanto, “bruto” modifica “cobre” e “padrão” parece modificar fios, uma vez que se mostrava uma tabela com o tamanho padrão dos fios. A tradução mais correta seria, portanto, “fio padrão de cobre bruto” ou “fio de cobre bruto padrão”.

No composto *universal time constant curves*, há um modificador adjetivo (*universal*) e dois substantivos (*time* e *constant*). A questão é saber se as curvas ou as constantes de tempo são universais. Através do contexto e da consulta a especialistas e *sites* especializados, observou-se que as curvas são universais; portanto, a tradução que torna a estrutura menos ambígua e mais natural seria ‘curvas universais para a constante de tempo’ ou ‘curvas universais da constante de tempo’.

Através dos exemplos mostrados, percebe-se que a distribuição dos termos em um SN é de suma importância para a interpretação correta da estrutura em português. Além disso, a compreensão das relações de modificação é fundamental para gerar traduções satisfatórias do ponto de vista da precisão terminológica para quem não tem conhecimento especializado de um domínio específico. Sendo assim, pesquisas como essa são contribuições importantes tanto para os estudos linguísticos sobre a sintaxe e semântica dos compostos e os estudos da tradução quanto para a terminologia e as áreas exatas.